

+ 3 questões Sobre ecologia

1. O atual movimento ecológico é uma nova forma de utopia política?
2. Ele não tende a priorizar a natureza em detrimento do homem?
3. O novo século será “ecologicamente correto”?

Luiz Felipe Pondé responde

1. Ecologia é política, quem não sabe isso acredita em Papai Noel. Como utopia política, acho-a muito fraca. É uma ilusão acharmos que “vivemos todos no mesmo planeta”. A natureza é social. Essa coisa de “we are the world” só serve para “sermos sensíveis” enquanto morremos de fome e de dívidas. É negar frontalmente toda a encarnação político-social da natureza que representa a própria história humana. Uma forma de definirmos o *homo Sapiens* é pela forma como se relaciona com a natureza e pelo modo como exerce seu poder sobre seus semelhantes a partir dessa relação. Não há dúvida de que a utopia ecológica serve muito bem como refúgio para o “bom mocismo” dos incluídos: “Tudo bem, sou a favor da competição e da degradação das sociedades pobres (afinal isso é ‘natural!!!’), mas choro pelas ‘baby seals’”. É óbvio que deve haver um projeto político que leve em conta o verde. Acho, aliás, que um projeto de educação básica que inclua uma “formação ecológica” já é grande coisa, mas para tal se faz necessário um projeto ambientalista que inclua uma educação decente. Como utopia diet, uma de suas vantagens é que seria uma utopia “bem-comportada”: quem grita nas ruas pelas baleias provavelmente comeu antes.

2. Acho que sim. Mas acho que essa “escolha” em favor da natureza se dá muito pelo fato de que, ao falarmos da “natureza”, parece que estamos tocando em uma entidade “pura”, mas isso é platonismo para pseudoletorado. A escolha pela “natureza” é proposital. É mais “limpo” ideologicamente defender a natureza extirpando dela seu animal mais intratável. Por outro lado, há algo de exato na natureza “biológica” que difere do homem, pois este é o animal indireto por excelência. Para incluir o homem e a mulher no ambientalismo, temos que aprender a praticar uma ecologia do “espaço interno”, respeitar essa coisa sutil chamada “alma”, e isso é inviável no economismo fajuto em que vivemos. No caso do Brasil, diria que um projeto verde deveria levar em conta antes de tudo a extinção do brasileiro e da brasileira.

3. Acredito que possa haver uma maior qualidade em alguns “trechos” da biosfera. Na realidade já há discursos ecologicamente corretos, inclusive entre nós, que habitamos esta parte “suja” do planeta: mais do que correto, é “chique” ser ecologicamente correto, principalmente se for em supermercados caros. O que preocupa é a possibilidade de que tudo isso vire “grife”: sem a percepção de que não existe uma coisa chamada “natureza pura”, vamos acabar pagando bem caro por morceguinhos fofinhos.



Homens abrem baleia mink caçada ilegalmente

France Presse

João Paulo Capobianco responde

1. Sim. As alterações promovidas pela humanidade nos ciclos ecológicos globais ameaçam simultaneamente o futuro—crise da sobrevivência—e levam ao questionamento de um dos principais pilares sobre os quais se construiu a sociedade moderna: a supremacia da ciência e da tecnologia sobre os ideais, a sensibilidade e os sentimentos humanos. Ao expor os gravíssimos problemas ambientais, de que o efeito estufa é um dos mais fortes exemplos no momento, o movimento ecológico coloca a humanidade diante de uma crise sem precedentes e propõe mudanças radicais nos processos produtivos, nas formas de apropriação dos recursos naturais e nos padrões de consumo. A viabilidade de um novo modelo de desenvolvimento que seja socialmente justo e ecologicamente viável, apresentado como a solução para esse impasse, exige a adoção de posturas individuais e coletivas que contradizem o processo evolutivo recente

da humanidade. Sua implantação requer mudanças estruturais na sociedade, que passam a ter um caráter de mudança civilizatória.

2. Há setores no movimento ecológico que insistem no modelo preservacionista, que postula ser impossível compatibilizar o desenvolvimento humano com a conservação do ambiente natural. Essa corrente, embora barulhenta, está perdendo rapidamente espaço para os conservacionistas, que consideram absolutamente indissociáveis as questões sociais e ambientais. Para essa nova e mais influente corrente, a melhora da qualidade de vida das pessoas é parte da luta pela conservação ambiental.

3. O novo século já se inicia mais “ecologicamente correto” do que o século passado, mas será menos “ecologicamente correto” que o próximo. Isso porque os conceitos sobre o que é adequado em termos ambientais evoluem rapidamente, tornando as metas e planos cada vez mais ambiciosos. O caso da energia nuclear é um bom exemplo. Nos anos 70, o movimento lutava para impedir a construção de novas usinas nucleares. Menos de 20 anos depois de conquistar as primeiras vitórias nesse sentido, a meta passou a ser a desativação das existentes. Outras ações, como certificação ambiental de produtos florestais e agrícolas, comércio solidário e consumo consciente, são alguns exemplos de novas estratégias que passarão a definir o que será “ecologicamente correto” no futuro próximo.

Quem são

Luiz Felipe Pondé
 É professor do programa de pós-graduação em ciências da religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e autor de “Homem Insuficiente” (Edusp), entre outros livros.

João Paulo Capobianco
 É biólogo, ambientalista e coordenador do Instituto Socioambiental (organização não-governamental).